

# A CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS PARA PENSAR AS RELIGIÕES AFRICANAS: UM OLHAR SOBRE OS ESCRITOS DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES

Vanda Fortuna Serafim\*  
Solange Ramos de Andrade\*\*

**RESUMO:** O artigo visa expor os resultados de nosso Projeto de Iniciação Científica *Deuses e Hierofanias numa perspectiva “médico-científica”*, o qual objetivou estudar como se constituíram, na transição do século XIX para o século XX, categorias para pensar as religiões africanas no Brasil, a partir das obras “*O animismo fetichista dos negros baianos*” (1900) e “*Os africanos no Brasil*” (1932), de autoria do médico baiano Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), considerado iniciador dos estudos sobre as religiões africanas no Brasil; buscando auxílio na historiografia existente sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Categorias; Nina Rodrigues; Religiões Africanas.

## THE CONSTRUCTION OF CATEGORIES TO THINK ABOUT AFRICAN RELIGIONS: AN OVERVIEW OF RAIMUNDO NINA RODRIGUES WRITINGS

**ABSTRACT:** This work aims at exposing the results of our Scientific Initiation Project titled *Gods and Hierophanies in a “medical-scientific” perspective*, which had the objective of studying how categories that think African religions in Brazil were constituted, in the transition from

---

\* Mestranda em História pela Universidade Estadual de Maringá– UEM; Bolsista pela Capes. E-mail: vandaserafim@gmail.com

\*\* Coordenadora do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História das Religiões da Universidade Estadual de Maringá – UEM; Docente Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM; Coordenadora Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. E-mail: sramosdeandrade@gmail.com

the 19<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> century, based on the works “*O animismo fetichista dos negros baianos*” (The fetishist animism of the Baian negros) (1900) e “*Os africanos no Brasil*” (The Africans in Brazil) (1932), by the Baian doctor Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), considered as the initiator of studies on African religions in Brazil, attempting at helping the existing historiography on the theme.

**KEYWORDS:** Categories; Raimundo Nina Rodrigues; African Religions.

## INTRODUÇÃO

A importância de estudarmos as manifestações ou crenças religiosas afro-brasileiras inseridas na transição do século XIX para o século XX por meio de Raimundo Nina Rodrigues reside em sua contribuição e pioneirismo nos estudos dos negros no Brasil e na ênfase que deu ao aspecto religioso. A temática se torna ainda mais importante quando pensamos na presença da disciplina de Ensino Religioso no ensino regular. Atualmente, há um despreparo generalizado entre a grande maioria que se propõe a trabalhar esta matéria, e o efeito do acesso à bibliografia produzida sobre a temática sem se levar em consideração o “lugar social” dos autores pode ser extremamente devastador para a educação escolar.

Acreditamos ser viável e relevante o estudo da constituição das noções criadas dentro de um discurso “médico-científico” sobre os deuses e hierofanias presentes nos cultos afro-brasileiros elaboradas por Nina Rodrigues entre os séculos XIX e XX, porquanto esse estudo constituiu-se como marco inicial para pesquisas posteriores. Dessa forma, dificilmente se estudam manifestações de tradição africana no Brasil sem ter lido Nina Rodrigues.

Os estudos referentes a religiões africanas, além de divergentes entre si, são ainda bastante escassos, principalmente no Sul do país. Questões como a origem da Umbanda, as concepções de pós-morte presentes nas crenças afro-brasileiras e até mesmo a noção de deuses e hierofanias, são alvos constantes de questionamentos teóricos. Além disso, essas religiões são rechaçadas pela grande maioria da sociedade, a qual as desconhece e tende a criticá-las mesmo assim, como tudo o que é novo e que foge à nossa visão e explicação de mundo. Nesse sentido, é interessante, o desenvolvimento crítico de pesquisas sobre tais manifestações, até porque o sincretismo religioso rendeu, para alguns dos orixás, posições pejorativas

dentro da ótica predominantemente cristã da sociedade. A fala do teólogo Volney J. Berkenbrock (1997, p. 13), exemplifica bem esta situação:

Em Forquilha (SC), lugar onde nasci e passei minha infância na década de 60, o mundo era católico. Este mundo católico não se limitava apenas às missas dominicais, aos batizados casamentos ou enterros. Também a escola ou o engajamento de meu pai no Sindicato dos Trabalhadores Rurais era algo evidente neste mundo católico. Algum tempo mais tarde, fiquei sabendo que também existiam outras Igrejas. Visto eu não tinha até então nenhuma delas. Que existam também outras religiões, isto me foi ensinado mais tarde ainda. Nessas primeiras tomadas de conhecimento, elas não eram, porém, descritas como religiões, mas sim como superstição, coisa do diabo. Palavras como Macumba, Umbanda ou Candomblé se usavam até com um certo ar de temor. Supostamente aconteciam lá coisas incríveis e cruéis, que por um lado me punham medo, mas por outro me despertavam curiosidade.

Diante desta situação, vemos a necessidade de estudarmos mais a fundo o modo como se constituem inicialmente no Brasil as noções de deuses e hierofanias, dentro daquilo que Nina Rodrigues coloca enquanto perspectiva “médico-científica”:

Abaixo de Olorun para os Jorubanos independente de Olorun para muitos dos Africanos convertidos e em geral para os creoulos, existe uma grande série de deuses, os Orisás, pela maior parte talvez da constituição evhémérica, formando uma mythologia complexa em que se sentem ainda bem discriminados a litholatria, a phytolatria, o animismo fetichista em todas as suas manifestações enfim. (RODRIGUES, 1935, p.37).

Como pudemos perceber, Nina Rodrigues chama de fetiche os objetos onde o sagrado se manifesta. É preciso levar em consideração, para compreender sua posição, o seu “lugar social” (CERTEAU, 1982). Nina Rodrigues é médico, e ao tratar das religiões africanas o faz enquanto médico e utiliza uma linguagem médica, pois apreende o fenômeno religioso

como algo patológico. Todas as características dos cultos afro-brasileiros teriam uma explicação dentro da medicina: as possessões seriam desdobramentos de personalidade, por exemplo.

Nesse sentido, é preciso levar em consideração a relevância da medicina no período em que suas obras são produzidas: até 1880, a discussão era a higiene pública; em 1890, era a vez da medicina legal, que nos anos de 1930 cedeu lugar ao modelo eugenista, o qual passa a separar a população enferma da sã. (SCHWARCZ, 1979).

No Brasil, a princípio a medicina era uma prática profissional em processo de construção. Enquanto os médicos cariocas buscavam originalidade na descoberta de doenças tropicais, os baianos buscavam originalidade no estudo do cruzamento racial como nosso grande mal e ao mesmo tempo nossa diferença. Enquanto aqueles buscavam combater as doenças, para estes a miscigenação era a doença. Era a partir dela que se previa a loucura, a degeneração e a criminalidade. (SCHWARCZ, 1979).

Nina Rodrigues, embora faça, a respeito das religiões africanas, uma análise social darwinista e evolucionista, contribuiu para um maior conhecimento da cultura negra. Lê-lo é um pressuposto para o historiador que deseje estudar religiões africanas. Seu olhar sobre tais manifestações é ainda hoje o ponto de partida para qualquer análise do gênero. Se nos parece estranho o seu discurso sobre os deuses e as hierofanias, é porque buscou legitimá-lo dentro dos padrões da linguagem médica dos séculos XIX e XX, que ele qualificou como científica, desprovida de valores e de plena neutralidade, o que não quer dizer que mereça menos atenção em relação aos novos discursos.

A questão essencial reside em que, ao trabalhar como Nina Rodrigues, alguns autores assumem categorias por ele elaboradas sem atentar para sua historicidade, como são os casos das idéias de ilusão da catequese, pureza africana e algumas hierofanias por ele descritas. Em virtude disto, nossos objetivos se estabelecem da forma abaixo explicitada.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

O trabalho tem como objetivo geral verificar de que forma se constitui a noção sobre deuses e hierofanias, dentro do que Nina Rodrigues denominou perspectiva “médico-científica”.

Constituem seus objetivos específicos:

- compreender o que seria uma perspectiva “médico-científica” para Nina Rodrigues;
- compreender de que forma são elaboradas as noções de fitolatria, litolatria e hidrolatria;
- estabelecer a caracterização dos orixás, dos rituais de iniciação e das possessões sob o olhar de Nina Rodrigues.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 FONTES E REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.

Para a realização desta pesquisa partimos do pressuposto de que seria possível verificar de que forma se constituem, na transição do século XIX para o XX, noções sobre deuses e hierofanias dentro do que Nina Rodrigues denominou perspectiva “médico-científica”. Para isto, utilizamos como fonte de pesquisa as obras “*O animismo fetichista dos negros baianos*” (1900) e “*Os africanos no Brasil*” (1932).

Em “*O animismo fetichista dos negros baianos*”, publicado em 1900, resultante do conhecimento científico da psiquiatria e do evolucionismo da época, o autor problematiza por que os afro-descendentes aderiram ao “animismo fetichista” e não ao catolicismo. Esta obra serviu como um marco ou modelo obrigatório de interlocução aos textos desse gênero que a ela se seguiram (SILVA, 1995).

Em “*Os africanos no Brasil*”, publicado em 1932 como obra póstuma, Nina Rodrigues procurou ampliar e sistematizar o quadro descritivo das sobrevivências africanas, inclusive as práticas religiosas (SILVA, 1995).

A importância de compreender o que seria uma perspectiva “médico-científica” para Nina Rodrigues reside no nosso entendimento de que é a partir dela que ele construiu determinadas noções sobre deuses e hierofanias, noções que, apesar de elaboradas há mais de cem anos, ainda se mostram ativas e válidas na sociedade atual. O caráter preconceituoso atribuído à visão de Nina Rodrigues em relação às religiões afro-brasileiras não é fruto apenas do passado. Muitas de suas afirmações interagem sorrrateiramente entre nós: a repulsa pelos sacrifícios, a descrença nas possessões e o desprezo pelos orixás, vistos como deuses inferiores. Se para Nina Rodrigues isso se devia ao fato de a abolição ser algo recente e tais crenças carregarem o estigma de práticas escravistas, o que temos nós, cem anos depois, como argumentos para justificar a nossa ignorância e preconceito em relação às religiões afro-brasileiras?

É em torno desta problemática que se delinea nossa pesquisa. Entender como foram pensadas, em um primeiro momento, as noções sobre deuses, simbolismo aquático e vegetal e o culto às pedras presentes nas crenças afro-brasileiras e chamadas por Nina Rodrigues de fitolatrias, hidrolatrias e litolatrias, pode explicar muito do nosso entendimento atual. Repensar conceitos historicamente produzidos é um instrumento para a investigação de nossas próprias opiniões e posições historicamente fabricadas.

Levando em consideração que trabalhamos com dois documentos escritos, optamos por analisá-los a partir da concepção de documento/monumento, a qual objetiva evitar que o historiador se desvie de seu dever principal: a crítica do documento enquanto monumento. Afinal, mais do que qualquer coisa que fica por conta do passado, o documento é produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações das forças que aí detinham o poder. (LE GOFF, 1994). Em resumo, o ideal é questionar o documento, e foi esta a perspectiva por nós adotada.

Para pensarmos a perspectiva “médico-científica” de Nina Rodrigues utilizamos os conceitos de “campo científico” e “especialista” de Pierre Bourdieu (2005). O autor não acredita na homogeneidade do grupo. Para ele, este seria formado pelos “que só omitem”, os “que só respondem”, “os que respondem às emissões dos primeiros” e “os que emitem para os segundos” (BOURDIEU, 2005, p. 52). Isso evidencia uma hierarquia social dentro do grupo, logo as dependências das relações de força simbólica corresponderiam à estrutura de relação de força política. Certeau (1982) afirma que os métodos científicos expressam o comportamento social e as leis do grupo; em virtude disto, o discurso histórico não pode ser analisado fora da sociedade na qual se insere, pois implicaria a transformação das situações acentuadas; o “nós” utilizado pelo pesquisador denota um contrato social.

Nina Rodrigues era professor na Faculdade de Medicina da Bahia. Nesse período os médicos eram considerados instrumentos da Nação; cuidavam da saúde dos corpos, ao lado dos padres, que cuidavam da saúde da alma. Isto é claro, dentro de uma visão nacionalizada da profissão médica. Por outro lado, ainda no século XIX elevava-se a figura do médico: ele deixava de depender da remuneração individual e passava a viver seu trabalho como cientista, pesquisador que, financiado pela Nação e formado pelas universidades, intervém na realidade e a transforma. É perceptível o caráter, ou ao menos a justificativa nacionalista da importância que o próprio Nina Rodrigues dá às suas obras (SCHWARCZ, 1979).

No que se refere às noções de fitolatria, litolatria e hidrolatria, Nina Rodrigues entende como tais os cultos afro-brasileiros e respectivos objetos,

em que o sagrado se manifesta enquanto fetiche. Considerando-se que o homem apreende os objetos da forma como a linguagem os apresenta, pois suas ações e sentimentos dependem da sua percepção, ao exteriorizar a linguagem ele se confunde com ela e cria um círculo mágico em torno do povo ao qual pertence, sem poder sair de um sem saltar para dentro de outro. Esta idéia é de Humboldt e aplica-se, sobretudo, às teorias da religião como instrumento de construção de fatos científicos (BOURDIEU, 2005). Neste projeto buscamos confrontar duas linguagens, as quais buscam legitimar um discurso referente à religião: uma médico-científica e uma historiográfica, no intuito de compreendermos como aquela se constitui.

Nossa referência teórica historiográfica para discutirmos deuses e hierofanias será Mircea Eliade e algumas categorias por ele desenvolvidas em sua obra “*O sagrado e o profano: a essência das religiões*”. Dessa forma pensaremos fitolatria, a partir da idéia de *simbolismo vegetal*; hidrolatria a partir da idéia de *simbolismo aquático* e litolatria a partir da idéia de *culto às pedras*. Também utilizamos a noção de *deus longínquo* para pensar a fala de Nina Rodrigues em relação a Olorum, o deus supremo do Candomblé (ELIADE, 2001).

No intuito de compreender os orixás, os rituais de iniciação e as possessões sob o olhar de Nina Rodrigues, optamos por trabalhar com Morin, a partir da idéia de “noosfera”. As representações, os símbolos, os mitos e as idéias são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem seus valores, crenças, etc.; do ponto de vista da noosfera, são entidades feitas e uma substância espiritual e dotada de certa existência (MORIN, 1991).

Dessa forma, todos os deuses realmente existem para os seus fiéis, embora não existam fora da comunidade dos crentes. Surgidos como ectoplasmas coletivos dos espíritos/cérebros humanos, os deuses tornam-se individualidades dotadas de identidade, psicologia e corporalidade próprias. Têm existência viva, embora não sejam constituídos de matéria nucleoprotéica. Agem, intervêm, perguntam, ouvem. Estão realmente presentes nas cerimônias religiosas e nos ritos como os vodus e os candomblés; eles se encarnam, falam e exigem (MORIN, 1991).

#### **4. RESULTADOS E CONCLUSÕES**

A Ciência das Religiões, enquanto disciplina autônoma que tem como objeto de estudo a análise dos elementos comuns das diversas religiões, visando decifrar-lhes as leis de evolução, a origem e a primeira forma de

religião, surge apenas no século XIX; porém o interesse pela história das religiões remota a um passado distante. Desde o século V, na Grécia Clássica, existem descrições de cultos estrangeiros trazendo comparações com os fatos religiosos nacionais (ELIADE, 2001). Nina Rodrigues é apenas mais um que nesse espaço de tempo se propõe a pensar a religião. O que o diferencia dos demais é o fato de seu objeto de estudo – religiões afro-brasileiras – ser inovador tanto para o espaço como para o tempo onde surge a problematização.

Jacques Derrida (2000, p. 11), problematiza:

Como falar religião? Da religião? Particularmente, da religião hoje? Como ousar falar disso no singular, sem temor nem tremor, nos dias de hoje? E tão pouco e tão depressa? Quem teria a imprudência de pretender que se trate de um assunto ao mesmo tempo identificável e novo?

Ao estudar o negro, Nina Rodrigues tem seu interesse despertado pela crença africana, de que resultam duas obras: *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* (1900) e *Os Africanos no Brasil* (1932). No entanto, Nina Rodrigues é um médico, e é a partir de seu lugar social que evidenciamos sua problematização.

Derrida (2000) considera uma evidência que, seja qual for a nossa relação com esta ou aquela religião, não somos padres vinculados por um sacerdócio, nem teólogos, nem representantes qualificados ou competentes da religião, nem inimigos da religião enquanto tal; porém, ao tentar encontrar na psiquiatria ou na sua visão biologizante respostas para os “estados de santo”, as possessões, os transes, Nina Rodrigues desvia a atenção do ato em si.

Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa percebemos que é possível pensarmos Nina Rodrigues dentro de determinado “campo científico” enquanto um “especialista”, legitimado por seus pares ao mesmo tempo em que é detentor de um discurso aceito pelos leigos. O médico baiano direciona a si mesmo o poder de dizer o que é ciência em virtude de sua autoridade médica, legitimado pelo espaço ocupado pela medicina no Brasil nesse período, o qual ele próprio ajuda a construir.

Em “*O animismo fetichista dos negros bahianos*” (1935), Nina Rodrigues problematiza se o feitiço, o vaticínio, as possessões e os oráculos fetichistas seriam meras simulações dentro de representações psicológicas. No entanto, ele defende que a sinceridade dos negros fetichistas é garantida

pela manifestação anormal, a incontestável alienação passageira que, por ignorância, atribuem à intervenção sobrenatural do fetiche. Para Nina Rodrigues, os oráculos fetichistas e as possessões de santo são estados de sonambulismo com desdobramento ou substituição de personalidade. Como o iniciado conhece as características do santo, adere à sua personalidade. Ele crê que a natureza de tais fenômenos liga-se ao estado mental da raça negra, a qual teria predisposição à histeria, a ponto de chegarem a considerar seus sonhos como visões, sem diferir o real do imaginário.

Nina Rodrigues estuda a histeria na “raça” negra. Para ele, aí estaria a origem da ação e também no atraso do desenvolvimento intelectual do negro. Paralelamente a isto, os orixás e os rituais de iniciação seriam deuses e práticas religiosas inferiores, características de um dado estado do desenvolvimento humano. Confirmando, Latour (2002) explica que o moderno não suporta a idéia de ser superado pelo acontecimento; ele quer manter o domínio e encontrar a fonte no sujeito humano, origem da ação.

Nina Rodrigues segue uma linha de raciocínio segundo a qual a humanidade sofre uma transição intelectual e os negros estariam inseridos num animismo difuso, devido ao baixo desenvolvimento mental, o que não lhes possibilitaria conceber idéias mais elevadas. Embora ressalte a importância que o fetiche exerce na mentalidade do negro, classifica suas manifestações (fitolatria, hidrolatria e litolatria) como elementos que, resultantes de um estágio inferior, comprovariam o atraso intelectual do negro em relação ao branco.

## REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás – um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DERRIDA, Jacques. Fé e saber: as duas fontes da “religião” nos limites da simples razão. In: DERRIDA, Jacques; GIANNI, Vattimo (Org.). **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação liberdade, 2000. p. 11-89.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Tradução de Sandra Moreira. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MORIN, Edgar. **O método IV**. As idéias: a natureza, vida, habitat e organização. Tradução de Emílio Campos lima. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.